

# Dossiê Em torno da *Política* de Aristóteles

## Apresentação

Em tempos de perigosos e ecoados discursos de negação da política, a revista *Poliética* publica o dossiê temático **Em torno da *Política* de Aristóteles**, com o propósito de refletir sobre a clássica obra do filósofo – e também a partir dela. O presente número é composto de cinco artigos originais e da tradução de duas notáveis introduções ao pensamento político de Aristóteles: uma de Julián Marías, publicada originalmente em 1951, junto com sua tradução espanhola da *Política* (feita em parceria com María Araújo); e outra de Fred Miller, cuja primeira versão saiu em 1998 como uma entrada da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* [*Enciclopédia de Filosofia de Stanford*].

O artigo que abre a edição é de autoria de Jay Elliot: “Aristotle, slavery and us” [“Aristóteles, a escravidão e nós”]. Contrariando numerosos comentadores que atribuem a defesa aristotélica da escravidão à época e ao contexto nos quais viveu o filósofo, Elliott procura mostrar em seu artigo que os argumentos de Aristóteles são intelectualmente engenhosos e, ao mesmo tempo, moralmente abomináveis.

No texto seguinte – “Consideração acerca da figura do *ágroikos* em Aristóteles” –, Felipe Ramos Gall reflete sobre dois vícios sem nome que o filósofo atribui aos cidadãos que vivem no campo. Considerando que Aristóteles também faz um elogio da figura do *ágroikos* na *Política*, por que razão ela seria caracterizada por esses vícios?

Em “Sobre a catarse trágica e a catarse musical”, Fernando Gazoni compara algumas passagens do livro VIII da *Política* com trechos da *Poética*, procurando contrapor-se a interpretações excessivamente intelectualistas da tragédia grega. Se o próprio Aristóteles aproxima as noções de catarse trágica e catarse musical, então, o *télos* da tragédia não seria indissociável de um certo *páthos* ou afecção?

A fim de desconstruir a ideia de que a opressão é inerente à atividade política, em seu artigo “Relações de poder na *Política* I.2”, Mário Maximo recorre a Aristóteles para sustentar que o poder não é fruto da violência e sim das carências e das necessidades humanas.

O quinto artigo parte da leitura que Giorgio Agamben faz de Aristóteles e investiga o significado político do uso do corpo. Segundo Caio Paz, em um primeiro momento, o filósofo italiano se aproxima do pensamento aristotélico para, logo em seguida, distanciar-se consideravelmente dele.

O artigo de Fred Miller traduzido por Christian Perret e Tomás Troster – “A teoria política de Aristóteles” – apresenta a filosofia política de Aristóteles com sinopse e poder de concisão dignos de uma boa enciclopédia (como é o caso da fonte do texto original). Além de contar com três anexos e um glossário de termos aristotélicos, o texto de Miller é dividido em cinco partes: i. A ciência política em geral; ii. A visão aristotélica da política; iii. Teoria geral das constituições e da cidadania; iv. Estudo de constituições específicas; e v. Aristóteles e a política moderna.

Por fim, o carro-chefe da presente edição é a magistral “Introdução à *Política* de Aristóteles”, de Julián Marías, traduzida aqui por Tomás Troster e Ana Maria Yamin. O texto de Marías não pretende fazer uma análise da obra, mas sim servir como “uma preparação para sua leitura”.

Além de um conteúdo esquemático dos oito livros da *Política*, a introdução é composta de sete partes, a saber: i. A situação social helênica no século IV; ii. A tradição intelectual da *Política*; iii. As raízes metafísicas da política aristotélica; iv. O programa da *Política*; v. A realidade da pólis; vi. Pólis e *politeia*; e vii. A segurança como tema da política. Segundo Julián Marías, um dos eventos mais significativos para as transformações políticas vividas pelos gregos na Antiguidade foram as Guerras Médicas, travadas contra os persas no início do século V. Nas palavras do autor:

Para a maioria dos gregos, o mundo helênico era o único mundo existente, com seu sistema de crenças e costumes. Ao se enfrentarem ambos os mundos, inevitavelmente abre-se uma brecha na mente dos gregos, pois a existência de dois mundos com dois sistemas distintos de crenças põe o homem automaticamente em uma situação de dúvida, da qual ele só pode sair *escolhendo*. Não é necessário sequer que o grego duvide de seu mundo; é claro que ele pode preferi-lo; mas ele tem de escolhê-lo, tem de aderir a ele; este mundo, em lugar de ser, como antes, o mundo, se converte agora em *seu* mundo, um dos vários possíveis. (cf. p. 100-101 abaixo)

Atualmente, com tantos mundos conhecidos (ou *supostamente* conhecidos) e outros inúmeros mundos imagináveis, não é de se estranhar que existam divergências políticas tão acentuadas. Para além de estimular novas leituras da obra de Aristóteles – considerado por muitos um precursor da *Realpolitik* –, esperamos que os artigos publicados aqui sirvam como uma bússola para reflexões políticas mais plurais e, ao mesmo tempo, que não abdicuem de princípios e ideais.

Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

**Tomás Troster**